

p. 12

Eduarda Oliveira

local@diariodepernambuco.com.br

*"Atualmente, ocupa o cargo de pesquisadora em Saúde Pública no Instituto Aggeu Magalhães (IAM)/Fiocruz, dentro do **campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, sendo a coordenadora do Serviço de Referência no Diagnóstico da doença de Chagas. Ela e seu grupo oferecem diagnósticos precisos quando o hospital não consegue identificar."*

Mulheres que dedicam a vida à ciência

No Dia Internacional da Mulher, relatos de lutas e sacrifícios de Virgínia e Nara, pesquisadoras que ousam desafiar h

EDUARDA OLIVEIRA

local@diariodepernambuco.com.br

O Dia Internacional da Mulher, celebrado neste 8 de março, traz à tona, ano após ano, as demandas de protagonismo feminino, que, apesar dos desafios ainda visíveis, torna-se cada vez maior. Na ciência, tão exaltada nos últimos anos pandêmicos, a situação é a mesma. Para a Organização das

Nações Unidas (ONU), em relatório na Assembleia-geral deste ano, mais mulheres na ciência representa melhores resultados, já que elas trazem mais pluralidade à investigação, novas perspectivas, por fim. Virgínia Maria Barros Lorena é prova disso.

A biomédica desenvolve pesquisas com foco em imunologia celular. Atualmente, ocupa o cargo de pesquisadora em Saúde Pública no Instituto Aggeu Magalhães (IAM)/Fio-cruz, dentro do campus da Uni-

versidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo a coordenadora do Serviço de Referência no Diagnóstico da doença de Chagas. Ela e seu grupo oferecem diagnósticos precisos quando o hospital não consegue identificar.

“Durante a carreira acadêmica, tive a grande oportunidade de trabalhar com a doença de Chagas, uma doença negligenciada. Hoje tenho colaborações com outros pesquisadores estudando a resposta imune de leishmanio-

ses, HIV, Tuberculose e Covid-19”, afirmou a cientista. “Nossas contribuições principais são apoiar o SUS através da realização de diagnóstico de alta complexidade para a população. Nosso grupo desenvolveu uma ferramenta molecular que foi utilizada durante o surto de doença de Chagas aguda de Ibimirim, em 2019, e que hoje disponibilizamos ao Lacen-PE.”

Para a pesquisadora, o tempo dedicado ao trabalho científico é considerável, tirando momentos que poderiam pertencer a interações familiares. “Nós mulheres nos culpamos por não dar tanta atenção aos filhos, principalmente quando são pequenos. Ficamos di-



vidas entre a carreira e a família, porque precisamos nos dedicar. Em casa temos os filhos, no laboratório temos nossos alunos. Então vivemos com o nosso tempo e nosso coração divididos”, explicou.

Virgínia lembrou ainda que as condições da ciência brasi-

leis das “H nível mo de das me dec